

18 de maio de 1884



MANUEL JOSÉ MENDES LEITE

OS SEUS AMIGOS E ADMIRADORES

1884

Manuel José Mendes Leite
1884
maio 18 1884



Não fatiffaço a uma formalidade. Cumpro um gratiffimo dever de amizade, cedendo ao espontaneo impulso de fymphathia, de admiração, de respeito.

N'este dia de parabens e cumprimentos dos seus amigos, não recufe o sr. Mendes Leite os votos, que o mais obscuro d'elles tambem faz para que Deus nos conceda a fortuna de manifestar-lhe por largos annos o prafer de o abraçar.

Nunca fão inuteis as commemorações agradecidas aos homens illustres, que amam a patria e a fervem com lealdade e dedicação; honrar o patriotismo é dever de todos os que têm sentimentos verdadeiramente portuguezes.

A liberdade bem entendida é o ideal divino da humanidade, o primeiro sonho da infancia: e bem joven ainda começou S. Ex.^a a gloriosa lucta da liberdade contra o despotismo, confagrandolhe toda a vigorosa energia da sua opulenta mocidade.

Na epocha agitada, que rompeu com a aurora da liberdade em 1820, que se coroou com as palmas dos Açores e com os loiros do Porto, appareceu o vulto grandioso d'um heroe, que era da humanidade pela intelligencia, da patria pelo coração. Rodearam-no companheiros de armas, generosos, denodados, heroicos, em cujos corações echoavam melancholicamente os gemidos tristes, fahidos das prisões do estado.

Sentiu-se que os foldados da usurpação iam ao combate pela ideia cega do cumprimento de uma ordem, e a hoste da liberdade, inferior em numero, mas superior em coragem, ia pela ideia sublime do cumprimento de um dever!

D. Pedro repelliu com braço pesado a mão audaciosa, que se levantara para levar a corôa da nação portugueza ao absolutismo feroz e intransigente, e conseguiu implantar a arvore, que em breve bracejou ramagens virentes, desabrochou flores viçosas, e produziu fructos substanciosos.

O Sr. Manuel José Mendes Leite foi sempre dos primeiros no campo da peleja, em quanto Portugal vivea repezado pelos ferros do despotismo. Libertado o paiz, abertos os carcerees e enchutas as lagrimas da perseguição, maior gloria o esperava no feio do parlamento, propondo e fazendo approvar a abolição da pena de morte nos crimes politicos.

O que a cegueira praticava por obstinação, e, dir-se-hia, até por gosto, veio a liberdade destruí-lo com sua luz radiosa.

Sim! Os Portuguezes hoje são homens, porque são livres.

A liberdade é o grande attributo moral do homem: é a alma da sua alma, a vida da sua vida, a primeira condição da sua natureza.

Eu vos faudo, apóstolo crente e fervoroso da liberdade!

Aveiro, 18 de maio de 1884.

ABILIO CESAR HENRIQUES D'AGUIAR.

Sr. Marques Gomes

Pede-me V. algumas linhas para um opusculo, que se pretende offerecer a Mendes Leite no dia em que este prestante cidadão completa 75 annos.

Subida honra me faz convidando-me V. para uma obra em que o meu humilde nome tem de figurar a par das primeiras illustrações do paiz, porque todos correrão a prestar essa homenagem de sympathia e apreço a Mendes Leite!

Arredado, porém, ha longos annos da imprensa, onde militei, perdi o habito de escrever para o publico, e o meu livro sobre as nossas Possessões na Oceania poz ponto final nas minhas velleidades de escriptor, e guardo com todo o recato os meus escriptos de viagem com medo da critica acerba e mordaz.

Venço porém a minha timidez, e escrevo algumas linhas para o opusculo dedicado a Mendes Leite, que me honra com a sua amizade ha perto de 40 annos.

As nossas relações datam de uma epocha mui celebre na historia patria contemporanea.

Era eu alferes, e achava-me no Porto em caminho para Lisboa, aonde devia continuar os estudos da Polytechnica, e entrando no Quartel General mostrou-me o chefe d'Estado-maior um telegramma do então marquez de Loulé, governador civil de Coimbra, dando vaga noticia do golpe de Estado de 6 de Outubro de 1846. Estavamos a 9!... Que tempos aquelles! e que atrazo o nosso, que no Porto só no dia 9 se tinha noticia dos acontecimentos de Lisboa do dia 6!...

Era chefe d'Estado-maior Francisco de Paula Lobo de Avila, hoje general reformado, o qual com aquella actividade e energia de que sempre dera provas, tractou immediatamente, de accordo com Passos José, de organizar a resistencia contra o governo de Lisboa. Aquelles dois homens foram, pois, os iniciadores do movimento, que em breve se communicaria a todo o paiz.

Pelas 5 horas da tarde demandava a barra o vapor *Min-dello*, conduzindo a feu bordo o Duque da Terceira, nomeado Logar-Tenente das provincias do Norte. Era acompanhado de officiaes de differentes patentes, destinados aos commandos das tropas.

O duque commetteu o grande erro de ir jantar a casa do Conde de Terena em vez de ir aos quarteis, e em quanto elle gozava os praferes da meza, José Passos agitava a cidade, reunia a guarda nacional, e Lobo de Avila concentrava a tropa em Santo Ovidio, inflamava o espirito dos officiaes, e arrastava os corpos para a revolução!

Veio a noite. Cahia miuda chuva, tocavam a rebate todos os finos da cidade, os candieiros da illuminação publica apagados, magotes de povo armado percorrendo as escuras ruas, e de espaço a espaço a detonação de uma espingarda fe fazia ouvir...

Medonho quadro!

Os caudilhos populares foram reunindo o povo para as bandas da Torre da Marca, e, chegado o momento que julgáram opportuno, cercaram o Palacio dos Terenas, e Navarro entrando alli deu a voz de preso ao duque da Terceira, o qual com a serenidade que nem no campo de batalha o abandonava, lhe perguntou á ordem de quem? a que Navarro respondeu «á ordem do povo, que ruge lá fóra».

O Duque e toda a sua comitiva sahiram, e á luz de archotes, seguidos por uma multidão immensa, dirigiram-se para o Castello da Foz. José Passos, sempre generoso, acudiu logo para livrar o duque de alguma violencia, e com effeito a elle deveu o Duque a vida; porque não faltaram fanaticos e perversos, que quizeram attentar contra o marechal, sendo preciso que Passos o defendesse com o feu corpo.

No outro dia organisou-se a Junta do Porto, e Lobo de Avila era encarregado dos negocios da guerra. Fui nomeado ajudante de ordens d'aquelle official, a quem devo muita gratidão porque me tractou como filho, honrando-me com commissões importantes, sendo eu muito novo.

Pouco depois d'estes successos encontrei Mendes Leite, que eu conhecia por tradição como companheiro inseparavel de José Estevão, e que era de esperar apparecesse no Porto, porque, onde fe foltaffe um brado a favor da liberdade lá acudia Mendes Leite pondo ao serviço da causa o feu valente braço, a sua lucida intelligencia e a sua bolsa.

Mendes Leite estava então na força da vida, e parece-me vê-lo... Elevada estatura, ar distincto, bellos olhos escuros, nariz aquilino, alvos dentes, barba castanha... A' belleza phisica junta-va a belleza moral, o que o tornava um homem seductor.

A amizade ou o amor conquistava Mendes Leite n'um relance, e não é para admirar que tão cheia de aventuras fosse a sua vida.

O que porem José Estevam admirava era a coragem com que o seu fiel companheiro se mettia em arriscadas empresas amorosas.

Não era isto que V. queria para o opusculo, e desejava talvez notas biographicas do sympathico personagem a quem a publicação é offerecida.

Outros, e com maior competencia, não deixarão de escrever a biographia de tão prestimoso cidadão, cujos serviços á Patria o tornam credor da estima publica.

Eu limito-me a recordar a epocha em que teve começo a nossa amizade.

Leiria, 18 de maio de 1884.

Sou de v.
AFFONSO DE CASTRO.

MENDES LEITE

O mais sympathico e attrahente nome de todo o districto de Aveiro. Conheço este homem pessoalmente ha poucos annos ainda, mas conheço a sua historia, de muito atraz, de quando eu era creança e ouvia contar os factos mais generosos da sua vida toda desinteresse e dedicação. Chega a gente a sentir explodir na alma um poderoso sentimento de inveja quando recorda a mocidade heroica dos, que hoje restam ainda, lidadores int'agaveis da liberdade que furgia, ha meio seculo, depois dos combates infinitos e das cyclicas façanhas; inveja da sua valhardia antiga, da sua gentileza singular e da suprema abnegação com que se offereciam aos perigos e ás difficuldades das luctas sanguinolentas da patria.

Não quero fazer superior engrandecimento do merito pessoal do sr. Manuel José Mendes Leite. Este nome é de si uma apothose e a consagração de uma existencia bem sadada pela honra individual, pela devoção patriótica e pelo exito mais completo de uma lucta grandiosa e constante. E' um homem, um homem forte, de alma temperada nos modellos tamanhos da prodigiosa historia dos velhos portuguezes, que teve na infancia o mais lucido ideal

e que na sua brilhante e audaciosa mocidade e na sua virilidade cheia de glorias logrou tocar a merecida e invejavel fama dos benemeritos do seu paiz.

Do sr. Mendes Leite póde bem dizer-se que é a organificação mais acabada do luctador moderno. Elle passou os annos da sua vida nas academias, no exilio, nas escuras prisões descaroaveis, nos campos de batalha, nas revoluções populares, nos parlamentos democraticos e na alta administração; e sempre esteve na primeira fila, na anteguarda dos mais valentes, no ponto mais difficil onde se conquista a immortalidade dos nomes historicos. Mas um facto refahe a tantos outros, proeminente e nobilissimo e que é a coroação luminosa da sua vida consagrada á humanidade e á civilização. A' voz de Mendes Leite, vibrante de commoção e entusiasmo, desapareceu dos codigos nacionaes a macula que infamava a nossa idade. A pena de morte fahiua da nossa legislação, condemnada pela sciencia, pela caridade social, pelo espirito compassivo e fraternal dos contemporaneos. Esta é a maxima e immensa gloria do illustre cidadão que possui todas as bellas tradições da honra immaculada e todas as sublimes grandezas da nossa raça altiva.

Tenho pena de não poder mandar a este digno e sympathico ancião uma saudação calorosa e entusiasta. Queria associar faustuosamente a minha modesta individualidade á festa commovente do seu anniversario feliz. Envio apenas o meu bilhete de visita, despretencioso, sem côr, sem luz, sem o perfume das flores primaveraes, o bilhete de visita de um adversario pela intransigencia da politica partidaria e de um amigo pelo respeito e pela estima que nasce do coração.

Agueda 18 de maio de 1884.

ALBANO DE MELLO.

Sr. Marques Gomes

Ao pedido de V. pela circular sua que recebi, posso apenas corresponder, na linguagem despretenciosa do ultimo dos escriptores portuguezes, que me é grato saudar no actual governador civil d'Aveiro, o sr. Mendes Leite, a excepcional isenção de honras e veneras com que elle tem conseguido manter-se no meio da sua longa vida publica, ensinando aos homens do seu tempo, cobertos de titulos, tão espectaculosos, como ridiculos, que se póde

fer laborioso, respeitado e digno sem contrahir para com a regia munificencia a obrigação de acceitar as honras que ella prodigamente espalha n'este paiz em que o *deficit* e os *fidalgos* estão sempre em maré crescente.

Subcrevo-me com a maior consideração

De V. etc.

Mogofores, 18 de maio de 1884.

ALBANO COUTINHO.

O artigo 16.º do *Acto Adicional* diz assim :

« É abolida a pena de morte nos crimes politicos, os quaes serão declarados por uma lei. »

Este artigo tem uma historia.

Na sessão de 29 de março de 1852, por occasião de discutir-se na especialidade o *Acto Adicional* um deputado apresentou o seguinte *additamento* : « É abolida a pena de morte nos crimes politicos. Fica assim ampliado o § 18 do artigo 145 da Carta ».

Levantou-se discussão sobre esta proposta, não quanto ao principio que ella consignava, mas sobre a sua inclusão como *additamento* no *Acto Adicional*.

Homens de grande cunho, como o sr. Ferrer, e até o governo pela voz de dois ministros, entendiam que a proposta devia ser o objecto d'uma lei especial, mostrando-se portanto contrarios á sua inserção na constituição do estado.

O representante do povo, que apresentara a proposta defendera-a com coragem,—a coragem heroica das passadas convicções.

Procedeu-se á votação e a camara approvou por 50 votos contra 32, que no *Acto Adicional* fosse contignada a disposição de que a pena de morte ficava abolida em Portugal nos crimes politicos.

O deputado que apresentara a proposta, que corajosamente a sustentara, e que lograra vel-a approvada por uma camara, cuja alta competencia ficou celebre nos factos parlamentares do nosso paiz chama-se Manuel José Mendes Leite.

Ainda que não tivesse outro passado politico a recommendar-lhe ao respeito de todos os que possuem a noção historica da implantação da liberdade em Portugal, Mendes Leite ficaria sendo por esse facto um benemerito da patria.

Lisboa 18 de Maio de 1884.

ALBERTO PIMENTEL.

HOMENAGEM

NO ANNIVERSARIO NATALICIO DO EX.^{mo} SR. MANUEL JOSÉ MENDES LEITE

*«Agora a fauldade do passado,
Tormento puro, doce e magoadó,»*

CAMÕES.

Eil-o, ainda de pé, qual arvore gigante,
A quem, a morte até, parece respeitar;
Nas fuas alvas cãs, na fronte infinuante
Bem revela o que foi na ferra do Pilar.

Soldado destemido, á luz da alvorada
A' deufa liberdade affectos confagrou;
Por ella combateu em luçta encarniçada
Até que a tyrannia de todo baqueou.

Reliquia veneranda, em ominofas eras,
Foi grande, corajofo, intrepido, leal,
D'arreigadas crenças, tão puras, fínceras.
De todos é modelo — um bom liberal.

E fe Aveiro, pungido de triste fauldade,
O filho recorda que ha tanto perdeu,
— O potente tribuno, que p'la liberdade
Como poucos luçtou, até que pereceu; —

Oh! jufto é que fe ufane do nobre athleta
Companheiro dos bravos que ha muito lá vão,
E voltando de novo a cruel ampulheta,
Tributar-lhe fíncera e leal gratidão.

Aveiro, 18 de Maio de 1884.

A. A. DE SOUZA MAIA.

HOMENAGEM AO MERITO

Prestamos hoje homenagem a um cidadão de bem.

Em todas as phases que a liberdade atravessou, o viu ella ao feu lado. Quando dentro do paiz a liberdade padecia como victima, no estrangeiro lhe dava lagrimas; quando, de longe, era apenas uma esperança, forrisfos lhe mandava quem, á similhança d'ella, fô de esperanças vivia; quando careceu de braços e de sa-

crifícios, offereceu-lhe o facrificio e prestou-lhe o braço; quando as vidas caíam ceifadas, pelejava nos campos da batalha, mas as ballas respeitavam o peito que abrigava aquelle coração. Depois, nas luctas defamilia, a liberdade ainda o tornou a encontrar para a defender com a espada e com o exemplo.

Um dia, finalmente, quando uma heroica transformação politica implantou a era nova do progresso pela paz, e a lei fundamental ia abrir horifontes mais vastos á civilzação, effe espirito lançou um brado glorioso. No centro da representação nacional, e no meio do silencio respeitoso consagrado ás grandes idéas, Mendes Leite propunha a abolição da pena de morte nos delictos politicos. O assentimento geral sancionava o acto do cidadão reformador. A consciencia do paiz desabafava. Uma pagina de ouro ia ser accrescentada, e foi, no codigo liberal da nação portugueza.

Lastimosa é a marcha tão pausada, que, no decorrer dos seculos, o progresso tem de seguir, para acalmar as paixões e dominar os crimes dos homens; mas um facto ha, que, d'entre os factos contrarios á natureza, mais deve revoltar o espirito humano: é a pena de morte.

O codigo divino a exclaimar, «não mates», e o codigo dos homens a mandar matar! A moral a bradar ás creanças: «não derrameis o sangue do vosso semelhante», e o poder publico, o fiador da moral, a apresentar bem ao vivo, nas vastas praças e á claridade do dia, o funcionario official chamado carraasco, para ensinar ás creanças como se decepam as cabeças, e como se podem perpetrar os assassínios! A razão toda se revolta, e todos os corações se confrangem. Aquelle facto é um attentado contra Deus, que creou a vida, e contra o direito humano á inviolabilidade da existencia.

Mas a victoria ainda mais brilhante foi o ser a abolição da pena de morte na especialidade dos crimes politicos o grande passo para a abolição geral da mesma pena. O precursor viu depois completar-se a sua idéa civilisadora.

Suspende-me a penna o dever de não roubar espaço aos meus companheiros n'esta homenagem, devida ao merito. Compendiei Mendes Leite n'um dos factos, por que o paiz lhe devia ser mais grato. Se a historia geral se illumina com as paginas formosas dos acontecimentos que na successão dos tempos engrandecem a humanidade, é justo que os iniciadores das grandes reformas, apóstolos das fás do itrinhas, oiçam ainda dos contemporaneos, não a lifonja que os mediocres imploram, mas a verdade, que deve honrar o trabalhador, e coroar o benemerito.

O MEU BOUQUET

A UMA VENERANDA RELÍQUIA DAS LIBERDADES PATRIAS

(No dia do seu 75.º anniversario natalicio)

*Et vos, o lauri, carpam, et te proxima mirthe.
Sic posítæ, quoniam suaves miscetis odores.*

(VIRGILIO-EGLOGAS.)

Adornam tua Alma e da pãtria nos sã
O nobre brasã d'essas glórias famosas,
Grinaldas que aos gritos das guerras surtindo
Reluzem cobrindo mil frentes honrosas!

Além...com saudades da pãtria emigrado,
No exilio tiszado em infelizes tormeças,
Detestas d'indignos feudaes a grandeza
E ao povo a defesa em teu peito sustentas!

Longinquas as plantas que livres, felizes,
Ingentes raizes nutriram fieis,
Remdizem d'um bravo teus brilhos tão bellos,
Esmagam os flos d'almas cruéis!

Rugentes os mares em um cerco singrando,
Ao Porto prestando da espada uma parte,
Laurêas da Lysia seus lutosos talentos,
Minoras tormentos dos monstros de Marte!

A voz—liberdade—esta pãtria se encanta,
Na historia, nos canta teus zobres anzaes;
Ouvindo d'um povo as saudosas canções
Exulta as acções de guerrairos leaes!

Touvor... tens nas leis que teus lutosos divulgam
Já quando tãs culgam por tus festejadas;
Oppondo teu voto ao imposto de morte
Sustentas com sorte as propostas ouzadas!

E se optimas vemos no reino potentes
Marchando frementes as machinas mil,
E bello diz que em progresso se accendem
Zas zonas que fezem sob fuzdos de azeil!

Do Olympo se descem deidades ren der-te,
 Em honra traz tr-te, seu pr tito e laur el,
 Pa ù da m - te sempre teus fantos the soiros
 Trouvando-te os iroiros d'um fuso fiet!

Se hoje cont ntes, lea ns, verdad iros,
 Immunes rome ros te br ndam, te enfe tam,
 Seus annos can ando t os Hornam e jernos,
 E todos em t rnos ampl tixos te estr titam!

Aveiro 18 de maio de 1884.

A. F. D'ARAUJO E SILVA.

Não podíamos deixar de nos affociar á homenagem prestada a Manuel José Mendes Leite, um dos raros vultos das épocas gloriosas da nossa politica, que deu aos seus admiradores e amigos a ventura de lhe festejarem, entre jubilos, os seus tres quartos de seculo de existencia.

Não podíamos, nós a quem foi legado o honroso mas pesadissimo encargo de representarmos a *Revolução de Setembro* faltar a infleirar-no-, embora no logar mais modesto, entre os que commemoram o septuagessimo quinto anniversario de um dos fundadores d'este jornal, do amigo dedicado dos seus dois mais brilhantes redactores.

Antonio Rodrigues Sampaio, Joté Estevão Coelho de Magalhães e Manuel José Mendes Leite constituem a trindade geradora e vivificadora, que ainda se venera com reverencia e a que sempre se renderá culto, na redacção da *Revolução de Setembro*.

O raio da eloquencia tribunicia, e o raio da polemica jornalística, os dois grandes vultos, que dormem o seu somno glorioso nas paginas da historia. fanaes de luz, modelo e exemplo ás gerações vindouras, esses dois gigantes, cujos nomes foi assombro de coevos e terror dos liberticidas, o fundador d'este jornal, e o primoroso escriptor que a elle ligou a sua potente individualidade, tiveram por commum amigo o venerando ancião, cuja festa d'annos é festa de cidade para Aveiro, sua patria, é festa nacional para todo o paiz que o estima e o venera.

Ter tido a amidade intima, haver merecido a confiança illimitada de Antonio Rodrigues Sampaio e de José Estevam, feria já titulo bastante para tornar grande o nome de Mendes Leite, ainda quando outros elle não tivesse a fazerem jus á commum veneração de todos os portuguezes.

Mendes Leite que ligou o seu nome á fundação da *Revolução de Setembro*, ao lado do grande orador, que nenhum excedeu nem igualou, Mendes Leite que ajuda a levantar rapidamente o prestígio d'este jornal, quando periclitante a liberdade, elle era o mais vigoroso atheleta da imprensa na defesa dos sanctos principios liberaes, Mendes Leite, o unico homem que teve authoridade para levantar o crepe com que a camara electiva físera cobrir a cadeira de José Estevão, viuva do grandioso vulto das pugnas parlamentares, Mendes Leite, que nasceu para o serviço da liberdade, e por elle trabalhou, soldado firme e valente, e para ella sempre viveu, tem, nos fastos da politica nacional um papel brilhantissimo, e uma gloria por todos invejavel, ligando o seu nome á proposta, de sua iniciativa, que, nos debates do acto addicional, fez abolir para sempre, no nosso paiz, a pena de morte para os crimes politicos.

Este facto basta para caracterisar a sua individualidade, para fazer inscrever o seu nome em letras de ouro, entre os nomes dos mais generosos progressistas, para o apontar á posteridade, cujos antegostos elle tem a fortuna de saborear em vida como um dos benemeritos da patria.

Curvamo-nos reverentes diante do respeitavel veterano das lides politicas, diante do companheiro leal de José Estevão e Sampaio, e sem termos a honra de entreter com elle relações, qualidade de amigo do nosso chorado e faudoto mestre, que tanto com a sua bondosa amizade nos distinguui, nos authorisa a apertar affectuosamente a mão de Mendes Leite, a enviar-lhe d'aqui os nossos parabens, pelos seus setenta e cinco annos, enflorados pela estima dos seus concidadãos, e a fazer votos sinceros porque esta festiva commemoração se repita por dilatado periodo, affirmando ao honrado velho, de que a cidade de Aveiro se desvaneca de ser berço, como, extincto o fogo das paixões politicas, todos os portuguezes reconhecem e apreciam as altas qualidades do seu nobre caracter e os relevantes serviços por elle presta aos ao bom nome portuguez, á civilização e ao progresso.

A. M. DA CUNHA BELLEM.

Um amor ardente e fanatico pelas glorias da minha terra, de que vivo distanciado, leva-me á veneração pelo vulto grandioso e sympathico, cujo septagésimo quinto anniverfario Aveiro hoje celebra. Sentimento profundo de gratidão por todos os que amaram meu Pai e que nos ultimos instantes da sua vida lhe dispensaram os mais acrisolados affectos, prende-me ao Dr. Manuel José Mendes Leite, que finto não poder abraçar no dia de hoje.

Admirador d'esses dedicados heroes, que á custa de exforços sobrehumanos, implantaram no solo da patria, regado pelo fangue das victimas do despotismo, a arvore immortal da liberdade, a cuja lombra tranquillos nos acolhemos, nós, filhos e netos das victimas ou dos heroes, revejo-me nos fastos gloriosos da historia patria, onde Mendes Leite conquistou um dos primeiros logares de honra.

Um dos mais humildes foldados d'essa difficil cruzada, que busca nos reconditos da organisação humana os segredos da vida, que lhe cumpre conservar e proteger contra os ennumerados inimigos, que entre si regateiam o *prazer* e a *gloria* de destruir o mais bello e mais completo e mais complexo producto da creação, admiro com prazer Mendes Leite, que orgulhosamente se inculca um phenomeno pathologico e que eu insisto em considerar phenomeno de physiologia pura.

Com a vaidade dos homens da sua tempera e do seu tempo, teima em apresentar-se vivendo á custa d'um só pulmão, que resistiu a certos processos morbidos, imaginados por elle, que lhe destruíram em tempo o seu congenere do lado esquerdo.

Sendo a vida um producto, que tem por principaes factores a respiração, a circulação, a nutrição e a innervação, tão regular e methodicamente se exerceu em Mendes Leite estas funcções capitales, que prophetisou aos seus amigos, em annos successivos, o encargo, gratamente tomado hoje sobre seus hombros, de commemorarem mais um e um e outro grão d'areia, que na ampulheta da vida marca os annos da existencia.

Affim seja. É um voto ardente d'um dos muitos admiradores das bellas qualidades da sua alma e dos distinctos dotes do seu generoso coração.

Lisboa 18 de Maio de 1884.

ARTHUR RAVARA.

Era, naturalmente, uma manhã formosissima; uma d'essas magicas madrugadas em que o despontar d'aurora vae accordar de surpresa a bonina do prado e a rosa do jardim, e ave da selva e a borboleta da campina, prateando-se sobre as aguas do rio e dos lagos e doirando a culmiada dos montes e a crista das fearas, n'uma harmonia suave e doce, n'uma deliciosa manifestação da harmonia universal que o Creador imprimio ao mundo phisico e cujo reflexo seductor faz entrever e n'outra harmonia celeste que

ao mundo moral deu o grande artifice, cujo poder omnipotente melhor que nunca se ostenta, quando se contemplam estes quadros de bellissimo aspecto e d'embalsamado ambiente.

A estrellla da manhã prolongou por mais largo tempo o seu fulgor scintillante, e ao esvaecer-se, uma nova estrellla brilhou, a par da aurora, que irradiava os seus limpidos clarões sobre as aguas prateadas da Veneza Portuguesa. Em dezoito de maio de 1809 nascia Manuel José Mendes Leite, o filho dilecto d'Aveiro, e balouçado n'um mar de rosas, fazia primavera perene da sua juventude invejavel, embora os pergaminhos e o oiro lhe não emoldurasssem o berço que a mão adoravel de sua mãe estremecida embalava com ternura.

Moço formoso e bom, alma candida, coração terno e *audaz* tudo lhe sorrio.

Gosou muito n'esta madrugada

Mas ao meio dia, os horisontes perderam esse matiz scintillante; essa aureola de ventura offuscou-a o ribombar do trovão, e uma cratera enorme de labaredas crepitantes, abriu as fauces encandescentes para sorver o nectar da primavera ditosa.

1826 a 1834 foi uma cerração completa, uma borrasca tremenda sobre as vagas negras d'um mar procelloso. Nas luctas da liberdade contra o absolutismo, soffreo muito este heroe, este portuguez de lei.

.....

A' tarde os raios d'um sol benefico coado atravez de brancas nuvens d'arminho despedem scintillações suaves sob as aguas placidas d'um mar de leite, e os lampejos d'um luar purissimo prateam os lagos serenos d'uma dulcissima quietação. E' respeitabilissimo e cheio de veneração e affectos este viver actual.

A' noite, quando ella vier, a gloria, a immortalidade d'um nome illustre a avivar nas gerações por vir, a abnegação, o patriotismo, a honra, a amisade leal.

Eis o rastro luminoso do liberal sincero, do heroe convicto.

Oliveira d'Azemeis 18 de Maio de 1884.

BENTO GUIMARÃES.

RECORDAÇÕES

O nome de Mendes Leite recorda-me sempre alguns annos alegres e descuidados da minha puericia, e uma phase notavel da vida d'este venerando ancião.

Eu contava d'ose annos talvez quando comecei a conhecê-lo, moço, elegante, sympatico, rodeado da estima geral, vivendo na melhor sociedade—não direi amado das damas pelo insinuante do seu rosto e pelo airoso da sua figura distincta, porque não sei se elle então amava outra couza que não fosse... a senhora *politica*; mas com fogo, talento e coração para amar como os outros mortaes.

Conheci-o ao pé de mim—em casa d'uns parentes meus e da familia Castro (dos Paulistas), que deram em Lisboa boas *soirées* para a sociedade da *élite*, o *high-liffe* de meio seculo atraz, em que andava aqui, nas palmas o Mendes Leite, e a flor da mocidade do seu tempo, como Figanieri, Dulac, Barruncho, e outros, que ainda felizmente vivem; José Estevão, Fava, Ayres de Sá, barão d'Almeida, e outros. que já estão riscados da lista dos vivos.

N'essas *soirées* (que produziram um abalo grande na situação da dita familia, como tem causado a profunda desgraça de outras familias) figuravam em primeiro logar duas jovens formosas e prendadas, a que depois foi baronesa de Almeida, e D. Maria Amalia de Almeida, de origem brasileira, ambas hoje viúvas, e de cabellos alvos, como os tem quem escreve estas linhas.

Veio a Maria da Fonte, e deixei de vê-lo. Estavamos affustados de que elle não voltasse, porque ninguem podia prever todos os azares de uma lucta, em que dois partidos, fegadamente inimigos, tinham jurado destruir-se um ao outro.

Mendes Leite fuiu da guerra civil, que deu tantos episodios tristes e sanguinolentos, e tamanhos desastres para a patria,—fão e etcorreito, mas com maior ardor para outro genero de lucta—os comicios, as conspirações, e a imprensa.

Estivam ao lado d'elle José Estevam, e Rodrigues Sampaio, o egregio tribuno e o potente jornalista, e entravam os tres n'um combate de gigantes em prol das ideas liberaes e do partido progressista na *Revolução de Setembro*, humilde e vencida contra as dos adversarios altivos e vencedores.

Mendes Leite morava n'essa epoca. com José Estevam, no segundo andar de um predio da rua da Horta Secca, proximo de outro, onde moraram, passados annos, o conselheiro Carlos Bento e o conselheiro Duarte Nazareth.

Os que conheceram de perto José Estevam sabem muito bem que elle era custoso de aturar, no viver intimo—caprichoso, irascivel, teimoso, cheio de phantalias e poetias—exuberancia de imaginação e talento, que rapidamente se manifestava. O grande orador vivia todavia tão bem com Mendes Leite, que antes pareciam dois irmãos, que dois amigos. A delicadesa do tracto e as qualidades amoveis de Mendes Leite bastavam para attenuar e deffazer, na particularidade de suas expansões e de seus desa-

baços, qualquer nuvem que proventura se formasse na existencia exemplarmente fraternal dos dois. E creio que viveram sempre assim; e creio tambem que a perda de José Estevão foi para Mendes Leite um golpe tão profundo, que ainda hoje sentirá a dor que lhe causou.

Difícil que principiara a conhecer Mendes Leite nas *soirées*, e depois nas conspirações. A memoria, n'este ponto, não me falha. Um dia vi-o, n'umas reuniões nocturnas em casa de Manuel de Jesus Coelho, do Patriota (elle ainda está vivo para o testemunhar) nas quaes se conspirava contra o governo de então, e que alguns elementos poderosos do velho partido progressista, o do *pé fresco*, trabalhavam seu tanto ou quanto, para o que se transformou n'um notavel triumpho para o partido liberal, contra o grupo conservador dominante. Ahi iam, sob a vigilancia dos etbirros, que nada podiam contra a corrente da opinião, entre outros, Antonio de Serpa, Latino Coelho, Rolla, Sampaio, José Estevão, Leonel Tavares, João Maria Nogueira, Marreca, etc.

Os interesses dos agrupamentos partidarios formados depois d'esse periodo, afastaram alguns d'esses cidadãos eminentes, mas não quebraram os laços d'amizade que os ligavam nem podem apagar as recordações que nos deixam, na existencia, os incidentes em que as circumstancias nos obrigam a figurar.

N'esta pagina, pois, não me recordo da *politica*, nem dos *politicos*; mas dos *amigos*, porque é difficil esquecer-se uma pessoa d'elles, n'um largo lapso de tempo e quando começou a estimal-os, e veneral-os desde os mais tenros annos.

Assim, com o meu meio seculo, saúdo com o mais sincero enthusiasmo os tres quartos de seculo de Mendes Leite!

BRITO ARANHA.

E' dos poucos—ai de mim!—raríffimos, que ainda restam d'esses heroicos aventureiros que vieram conquistar a patria, redimir-a da tyrannia, e trazer-lhe a liberdade no regaço das suas togas!

Vi-o pela primeira vez quando eu tinha 17 annos. Fui simultaneamente apresentado a elle e a José Estevão, o seu companheiro da infancia, o seu peregrino do exilio, o seu camarada das batalhas, o seu confrade na religião do progresso!

Era uma coisa respeitavel, honrada e santa a amizade d'elles dois homens. Nunca houve laços fraternos mais apertados. Tudo partilharam estas duas grandes almas: Os revezes, as amarguras, a prosperidade, os lampejos da gloria, até que um d'elles caiu quando o poder do seu verbo illuminava a tribuna com

os clarões de um Synai ! N'esse dia funebre, n'esse dia de lucto para Portugal, o coração de Mendes Leite bateu-lhe no largo peito, nos impetos de uma dôr que ainda hoje verte lagrimas !

A fundação da *Revolução de Setembro*, onde Sampaio vibrou a espada com o vigor e destreza do mais valente lidador do jornalismo deste paiz, deve-se a Mendes Leite, como se lhe deve tambem a proposta da abolição da pena de morte em crimes politicos. A' hombridade do homem publico correspondem, em Mendes Leite, as nobres qualidades do homem particular.

No declinar da vida tem o maximo a que aspiram os honrados corações: a veneração dos seus conterraneos, o amor dos amigos, a tranquillidade de uma consciencia immaculada !

D'aqui a poucos dias vae cumprir 75 annos, N'esse dia, com os mais sinceros parabens, receba um cordeal e affectuoso abraço do seu

Lisboa 7 de Maio de 1884.

BULHÃO PATO.

Foi ha muitos annos ! mas não me lembra quando, nem onde vi Mendes Leite. Sou de um tempo antigo em que os grandes luctadores, como elle, delineavam perfis grandiosos, estaturas epicas ; e a mocidade contemplava-os com respeito e inveja. Mendes Leite e José Estevão eram dois nomes laureados, n'uma alliança de sacrificios e dois filhos queridos da Liberdade, assignalados de cicatrizes na defeza da Mãe estremecida. Quando os labios do grande orador balbuciarão o ultimo gemido, devia ser inexprimevel a angustia do seu valente camarada. E parece que desde esse hora funesta, o nome de Mendes Leite, esbatido nas brumas de um preterito quasi obliterado na memoria dos seus coevos, foi-se esvanecendo, retrahindo-se na saudade, no defalento de uma perda irreparavel. Mendes Leite vira cahir á volta de si os gigantes da sua ala de batalhadores. Deu por terminada a sua missão na hoste militante ; mas não pôde, ainda assim, esconder a sua egregia fronte veneravel entre a geração de pygmeus que lhe succedeu. Eil-o erecto no seu pedestal de tres quartos de seculo, proferindo ainda eloquentes lições de coragem, de desprendimento de honras vans, e de apaixonado amor á Liberdade.

E, á volta d'esse pedestal, entre os que se curvam respeitosos, vim eu, obscuro admirador e amigo de Mendes Leite, faudar tambem o glorioso ancião nos esplendores do seu occidente.

S. Miguel de Seide 2 de maio de 1884.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

SALVÊ!

Depois d'arriscar mil vezes a vida pela patria, depois d'irromper quasi só pela barra do Porto sob um chuva de ballas, depois de perseguido, d'encarcerado, d'expatriado, Mendes Leite poudo emfim ver tremular no seu paiz o labaro santo da liberdade por que tanto tempo lidara.

E esse homem que pertencia a uma raça d'heroes, a uma tribu de vencedores, esse homem cuja cabeça as facções inimigas tantas vezes haviam pedido, foi. na hora em que a onda dos odios se erguia violenta e em que os desejos de vingança rugiam ameaçadores, assegurar a vida dos vencidos, propondo no seio do parlamento portuguez a abolição da pena de morte para os crimes politicos!

Erguei-vos, gerações d'agora, e faudae o velho liberal cuja historia vos deve ser licção e exemplo!

CESAR DE SÁ.

bibRIA

E' com verdadeira fatiſſação que eu apesar de demaſiado humilde para grandes glorias, venho tambem faudar o homem verdadeiramente constitucional, o fr. Manuel José Mendes Leite, que conheço desde que pela primeira vez veio deputado, e que desde então me acostumei a respeitar, não só como aquelle a quem muito devem as liberdades patrias, mas ainda mais por ter sido sob proposta sua que no acto Adicional se inscreveu um artigo que tanto honra o deputado que d'elle teve a iniciativa como a camara que o votou; fallo da abolição da pena de morte nos crimes politicos, dos crimes politicos com ou sob pretexto de tal titulo, tantas angustias, tantas perseguições, tantas tyrantias e tanto fangue se fez derramar áquelles que em diferentes epochas quizeram plantar no seu paiz os verdadeiros principios da liberdade e independencia.

O artigo 16 do Acto Adicional á Carta Constitucional, promulgado a 5 de julho de 1852, pelo qual foi abolida a pena de morte nos crimes politicos, é synonimo de um grande nome. d'um nome glorioso, d'um verdadeiro benemerito da patria—o de Manuel José Mendes Leite—nome que nunca desapparecerá da nossa historia *politica constitucional*—nome que será sempre venerado por todos aquelles portuguezes, que do coração amam a liberdade d'este nosso bom Portugal.

E assim também os nomes dos seus cinquenta companheiros na approvação d'aquelle acto de politica e humanidade ficaram exarados nos annaes parlamentares d'onde jamais poderão fimir-se.

Lisboa, 18 de maio de 1884.

CLEMENTE JOSÉ DOS SANTOS.

MENDES LEITE

São passados trinta e dois annos. Fazia-se então uma reforma dictatorial da Carta Constitucional, como hoje se faz nova reforma pelos meios, que a mesma Carta prescreve.

A reforma de 1852 a não ser pelo methodo illegal, com que se decretou, era anodyna e quasi inutil; a de 1884, legalissimamente proposta dará logar a novo acto adicional ainda mais innocente.

Felizmente para esta, que não terá de consignar nos seus preceitos o luminoso principio, que se escrevera no de 1852, não pela iniciativa dos promotores da reforma, mas pela inspiração humanitaria de Mendes Leite. Foi este venerando ancião, que arrastado pelos impulsos do seu coração generoso, e pelo criterio esclarecido da sua razão, propoz um artigo, desconhecido nas Constituições de todos os povos—a abolição de pena de morte em crimes politicos.

Fez-se pedaços o cadafalso politico n'estas terras portuguezas, allumiadas pelo sol esplendido da liberdade, e trancaram-se para sempre as negras paginas da sua historia, em que se narram as luctuosas scenas em que o patibulo apparecia no primeiro plano do quadro.

A legitimação patria ainda então reconhecia a pena de morte para todos os crimes. Os costumes haviam supprimido as crueldades, que acompanhavam esse castigo tremendo. A mesma Carta as havia abolido, mas a civilização exigia que se eliminasse a pena mesma.

Todos o sentiam, todos o reconheciam. Ainda então estavam frescas recordações pavorosas que faziam gelar o sangue nas veias. A liberdade e a Carta eram extranhas a esses attentados; por causa de uma e de outra, e contra ambas o sangue jorrara do alto dos instrumentos do supplicio; mas o principio não estava condemnado, embora na pratica fosse ja então impossivel reconhecê-lo.

Devia-se essa homenagem á Religião, á Constituição e á Liberdade.

Era todavia necessaria uma voz auctorisada para affirmar a doutrina, e a gloria de fazel-a ouvir coube ao cavalheiro, cujo anniverfario hoje commemoram os seus amigos.

Uno-me a elles n'este tributo de respeito e gratidão, que todos os portuguezes lhe devemos, porque foi Mendes Leite o primeiro que na lei fundamental de uma nação inferiu o luminoso principio—fica despedaçado para sempre o cadafalso politico.—

Quando chegar o momento de estarem cheios seus dias, na campa de marmore que cobrir os seus restos, nada mais se deverá inscrever para epitaphio. A posteridade agradecida cobrirá sempre de coroas o tumulo d'esse grande bemfeitor da humanidade, do generoso apostolo da civilização.

CONDE DE SAMODÁES.

O CARRASCO

E' o fer mais abjecto que se conhece !

O seu viver é um crime.

O seu officio é matar.

O seu caracter é o assassínio.

O seu companheiro é o remorso.

O seu dormir é o pezadello.

Affronta a sociedade em nome da penalidade infamante que o chama executor da justiça ! E para eterna vergonha ainda hoje passeia nas ruas de Pariz. Em pleno seculo XIX e no meio das mais luzentes conquistas da civilização, ainda vive esse homem que é um continuo vexame !

O seu olhar aterra; a face espelha-se em fangue; as mãos esmagam o peito, suffocam a voz na garganta, decepam a cabeça. E'-lhe indifferente a causa que lhe entregou a victima para sacrificar no altar da ignominia legalisada !

Seja o martyr d'uma causa nobre, ou o netafo assassino, seja um talento brilhante, ou uma vulgaridade culpada; seja o personagem mais distincto ou o ente mais desprezível, esmagar-lhe a vida no amplexo da morte é o seu mister degradante !

Não importa quem ali trouxe o padecente, se a politica nos seus momentos tyrannicos, se a revolução na sua vertigem sangui-naria, se a perfidia que urdiu a calumnia, se a injustiça que feriu a innocencia, se a sentença que apontou o culpado: todos os brilhos da vida se obumbram n'aquella noite, todas as flores da existen-

cia murcham n'aquelle inverno, todas as manifestações da actividade se forvem n'aquelle abyfmo !

Viver para matar, matar para viver: eis tudo !

Os maus instinctos levaram-o a manchar as mãos em sangue, a sociedade apontou-o ao juiz, a sentença arremessou-o ao presidio.

O remorso tel-o-hia triturado mais se as sombras que avultavam em uma noite de pezadello não lhe tiveffem indicado o meio de prolongar a vida seguindo a estrada do crime em que já tinha dado o primeiro passo.

Atravez das grades ouviu uma voz que lhe dizia:—salvarás a vida se queres ficar para matar!—Elle não reparou no preço; acceitou o contracto, visto que lhe legalisavam o officio e remuneravam o crime. Ao adestrar-se na infamante industria, cuidou que esquecia os remorsos em vez de multiplical-os: profegiu defecarado.

E note-se que foi o codigo que o fez assim.

Elle escolheu as sombras da noite para companheiras quando vibrou o punhal pela primeira vez e ao ver prostrada a victima voltou a face horrorisado e fugiu; agora é ao contrario, affronta feren o padecente,—ageita-lhe a veste, lança-lhe a corda, leva-o ao estrado, e, à plena luz do dia, em face do publico, em ruídofo espectáculo. flagella, mata, trucidada, encara a victima prostrada e revê-se na sua obra nefasta!

Aqui está o que é matar por officio em nome da lei, authorisado pela sentença, fecundado pelo magistrado !

Eu escrevo d'este indigno personagem no dia em que o Porto commemora a execução dos martyres da liberdade que em 1829 foram mortos pela Alçada; fallo do carrasco com o horror com que recorro este dia de lucto para a familia liberal.

Tantas vezes ouvi a minha mãe a descripção com que o despotismo assignalou este dia em que as finistras mãos do executor se tingiram no generoso sangue d'esses heroes, que me lembro sempre com horror, poupou-me a providencia de ser contemporaneo de tal situação, poupando-me de ter de ir ver meu pae aos carceres.

Já sou da geração que aprecia os doces fructos da conquista liberal, sou d'aquelles, que ha tejs annos tiveram a honra de fazer parte do cortejo que acompanhou as venerandas reliquias d'esses martyres para o novo monumento: era imponente a manifestação, significativo o protesto contra os horrores do passado !

Aquelles que morreram na ignominia do patibulo eram traniladados em triumpho: é assim que se vinga a verdade e a justiça !

Quem teve a brilhante iniciativa de propor no parlamento a a extinção da pena de morte, fez o alto serviço de banir da

sociedade portugueza um ente infamissimo como era o carraasco.
Honra seja a Mendes Leite!

Porto 7 de maio de 1884.

PADRE F. J. PATRICIO.

A MANUEL JOSÉ MENDES LEITE

Eu descubro-me sempre com grande veneração e reconhecimento, quando vejo passar alguns dos já hoje raros soldados, que tão valorosamente defenderam o Porto, fazendo parte d'esse exercito, que, apesar de pequeno em numero, com justiça deve ser chamado «o grande exercito», na historia da liberdade portugueza.

Como não heide pois inclinar-me respeitoso, e faudar com verdadeiro jubilo no seu 75.º anniversario, o cidadão benemerito, que tantas vezes expoz a vida com os seus nobres companheiros, para nos fazer homens livres e generosos como elle?!

Exemplar de honra, de patriotismo, de todas as virtudes que glorificam a humanidade, Mendes Leite é tambem caro ao meu coração por mil recordações faudosas: tive-o por mestre, ao começar na *Revolução de Setembro* e no *Patriota* a minha modestissima e curta carreira jornalística. Formei-me na proba escola dos da sua tempera; e aprendi n'ella que o maior beneficio que Deus pôde conceder a uma nação é prolongar a vida dos homens que lhe deu com caracter integro, puro e ingenuo como o de Manuel José Mendes Leite.

Lisboa 18 de maio de 1884.

F. GOMES D'AMORIM.

UM BRINDE

(1809—1884)

N'este dia festival, em que os mais eminentes escriptores d'este paiz, vem faudar o cidadão benemerito, que, em prol da liberdade, pôz o peito ás balas, e a mente á mercê de seu coração bem formado, sendo o primeiro a levantar a sua voz auctorifada pela abolição da pena de morte em Portugal!—venho tambem eu, humilde e obscuro admirador, levantar um brinde pela preciosa vida do exm.º fr. Manuel José Mendes Leite.

E se outros factos notaveis não o tornassem digno da nossa veneração, bastava aquelle para lhe aureolar a fronte veneranda, e para o tornar credor do nosso sincero preito de homenagem.

Desde creança que me custumei a respeitar s. ex.^a como uma reliquia d'essa pleiade brilhante de homens grandes, que teem desaparecido subitamente no pó dos tumulos, e por isso não podia deixar de corresponder ao appello da amizade, embora reconheça a minha insufficiencia.

Mas o que falta no engenho, augmenta na sinceridade e espontaneidade com que felicito o ingente cidadão, que, por tantos titulos, é digno da nossa veneração.

Aveiro 5 de maio de 1884.

FRANCISCO DE MAGALHÃES.

A MANUEL JOSE MENDES LEITE

No seu 75.º anniversario

Constantemente andou no azar das revol'ções,
Audazmente a jogar a vida preciosa,
Na lu'cta de titans, na lu'cta fanguinosa,
Que foi a redempção das novas gerações,

E longe no desterro, em frente ás provações,
Ou n'essa guerra atroz, horrenda e temerosa,
Distinguu-se por entre a fila mais formosa,
Da nobre legião dos fortes campeões !

Depois, volvida a paz, vencida a tyrannia,
Entregue finalmente ao povo a fob'rania,
Restava alevantada a lei feita assassino

De quem se devotasse em pról d'uma outra ideia !
Então furgiu de novo, illustre paladino,
Quebrando á liberdade a derradeira peia !

18 de Maio de 1884

F. REGALLA.

A urbanidade, esta virtude que da pureza da linguagem passou á delicadeza dos sentimentos, só propria d'uma sensibilidade nimiamente delicada, alliando uma extrema susceptibilidade no sentir a uma perfeita polidez no dizer, sem expansões extremas, defregradas, frequente e estimada nas antigas civilizações e nos falões aristocraticos de Luiz XIV, tão rara nas epochas de decadencia litteraria, quasi desapparece na sociedade contemporanea. Destruído o antigo edificio social, com elle se perderam todas as suas bellezas e o seculo XIX, scientificamente brutal, estabelecendo novas condições de vida, affeioou-se-lhe ao mesmo tempo o espirito humano. No seu industrialismo, nas suas necessidades de trabalho incessante e economia rigorosa, no seu viver inquieto e agitado, na sua avidez de fortuna, liberdade e glorias, nas suas ambições e egoísmos, a sensibilidade perdeu a delicadeza que adquirira nos ocios d'outras eras, o espirito a serenidade da vida descuidada, o caracter a bondade e brandura dos que não conhecem as luctas do trabalho, a linguagem a pureza e esmero das grandes epochas litterarias.

Inutil lamentar-nos, inutil chorar o que não tem remedio. Aceitemos as novas leis, pois são irrevogaveis.

Em Aveiro, n'este cantinho burguez, conheço um homem, que no trajar, na conversa, na escolha dos seus livros, dos objectos d'arte que ornamentam a sua casa, é ainda o homem de bom gosto, instruido, elegante, primoroso e correcto como verdadeiro fidalgo d'outros tempos. Que outros celebrem as suas campanhas, as suas luctas politicas, os seus serviços a liberdade; eu vou brindar a Manuel José Mendes Leite e na pessoa de sua excellencia á urbanidade e á elegancia.

Aveiro 18 de maio de 1884.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.

Companheiro de Manuel José Mendes Leite nos bancos das escolas, nos trabalhos de fapa das revoluções, nos riscos e luctas cruentas dos campos de batalha, nas tristezas e privações das emigrações, onde tanto se estreitaram os vinculos de uma boa e sólida amizade nunca desmentida ha quasi setenta annos, eu não quero que n'esta hora de intima satisfação o meu nome deixe de acompanhar os d'aquelles que vem prestar homenagem de estima ao revolucionario de 1828, de 1843, de 1846 e de 1851, ao soldado do cerco do Porto, ao parlamentar que teve a iniciativa da abolição da pena de morte nos crimes politicos, sanguinario e in-

tolerante principio em nome do qual rolou a cabeça de meu irmão pelos degraus do cadafalso da Praça Nova do Porto.

JERONIMO DE MORAES SARMENTO.

AO EX.^{mo} SR. MANUEL JOSÉ MENDES LEITE

O sol da liberdade era em crepusc'lo apenas,
E já dos raios seus o peito se allumia.
De vivido clarão, mais tarde, em ondas plenas
Irrompe: e à luz, mudada em fogo, o peito ardia.
Liberdade! exclamaste. Oh fôcia da razão,
De nobres e plebeus herança não mentida;
Direito, a todos dado, e por igual quinhão,
A ti juro meu culto—o amor de toda a vida.
Largo tempo é volvido, e o santo juramento
Illefo, desde então, conférval-o de pé,
No exilio, no combate... e nem tugaz momento
Houve, em que desmaiasse a protestada fé.
E, como cavalleiro, apoz cançada lida,
Contando os dias seus, por illustres acções;
Da terra, onde nascera, inda efficaz guarida,
Exemplo, de proveito, ás novas gerações:
Tu, revef-te, qual elle, em mil reflexos d'oiro,
D'esse crystal d'espelho, a consciencia pura;
E recebe, tranquillo—invejavel thesoiro!
Respeito, que é justiça...—o só digno, e de dura.

O SEU AFFEIÇOADO PATRICIO E ANTIGO CONDÍSCIPULO

JOAQUIM DA COSTA CASCAES.

N'esta epocha em que se ostenta tão audaciosa a reacção em Portugal, e em que são já tão raros os cidadãos que pelejaram pela causa da liberdade, folgo de me poder affociar áquelles que celebram o anniverfario do velho liberal, Manuel José Mendes Leite, que tendo-se alistado em Dezembro de 1826, como soldado, na 6.^a companhia do batalhão de voluntarios academicos de Coim-

bra, e havendo-se igualmente alistado em Maio de 1828, como soldado, na 3.^a companhia do novo batalhão academico, mereceu por isso a honra de ser um dos 448 estudantes ritcados da Universidade em 1828 e 1829 pelo governo miguelista.

Coimbra 18 de Maio de 1884.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

BILHETE DE VISITA

« Os meus serviços estão sufficientemente pagos com duas emigrações, com o Limoeiro e com a torre de S. Julião. »

DISCURSO PARLAMENTAR DE MENDES LEITE EM 1863

A unica venêra que pôde dependurar na lapela da casaca é a medalha das campanhas da liberdade, algarismo 7 (pertence-lhe a de algarismo 9), dentro do peito conserva porem outras honras memoraveis que foram: *sacrificios e soffrimentos*.

E' velho, é liberal, e é honrado.

E' tão velho, meus senhores, que pertence á epocha em que ainda havia crenças politicas. Como ancião devem-se-lhe os respeitos, que em Sparta se tributavam aos velhos. Como liberal emigrou, padeceu e combateu. As batalhas, a tribuna e a imprensa conheciam-n'o na primeira fila.

Finalmente, caracter honestissimo o seu nome é acatado por todos, amigos e inimigos.

A logica, taxando me de importuno, manda que feche á chave esta constellação de verdades fabidas.

Aveiro, 18 de Maio de 1884.

JOAQUIM DE MELLO FREITAS.

Ao illustre filho d'Aveiro, que como deputado da nação portugueza propoz e fez converter em lei a abolição da pena de morte nos crimes politicos, o meu respeito e veneração.

JOAQUIM SIMÕES FRANCO.

OS FORTES

Quando recomponho, fragmento por fragmento, nos domínios da minha rasão, aquelles dias tão trabalhados e cortados de magoas, que medeiam entre a grande revolução democratica de 1820 e o triumpho completo da causa liberal, nos dias de 1834;—quando procuro identificar-me com os trabalhos do Synedrio, com os sobrefaltos da revolta popular que elle determinou, e que foi o primeiro e o mais seguro passo que ainda até hoje deu a democracia portugueza, nos domínios da historia:—quando acompanho os emigrados escapando á denuncia selvagem e covarde á devassa finiftra e miseravel—áquelle torneio aberto ao explodir de todas as torpezas—; e, em seguida acompanho effes martyres, na solidão vastissima do mar, com os olhos largos, turvos de lagrimas, voltados para o céu da patria, e nortendo na derrota da Terceira, de Plymouth e de Belle-Isle—oh! eu sinto que uma grandissima melancolia me enfombra a alma, como se em vergonha e lagrimas essa tristeza se fundisse!

Cincoenta annos vão transcorridos desde que a obra liberal se completára! A' geração dos fortes, dos crentes, dos martyres, segue-se uma raça de descridos: aos gigantes, os anões.

Almas feitas de aço e banhadas pelo sol de vivissimas crenças, vêde no que vae tornada a vossa obra monumental! Se no escuro desalento do *barracão* de Plymouth soáffe a voz phphetica que vos fosse contar a quanto havia de descer a vossa obra, por certo estou que mais fundas feriam ainda as vossas dores!

Os fortes, os titãs são feitas em outras tantas reliquias, pelas quaes fora para desejar que o moderno ideal d'esta geração se concertasse e aferisse.

Como nos dias da profunda corrupção lombarda era de uso ler aos serões, os *Remedii utrinque fortunae de Petrarca*, eu sinto que aos que hoje são moços, fora dado ouvir, de viva voz, como nos diz Homero, que os achens ouviam a *Nestor=ter avo functus senex*—a descripção viva dos trabalhos que effes heroes padeceram. Alguns eu fei de cór; como os devera ter padecido e experimentado o velho e honrado liberal, a quem este modesto livro vem hoje render humilde preito. Alguns eu ouvi ainda da bocca dos que os haviam experimentado na plena alvorada de seus dias, quando, para fugirem á inconfidencia, a alçada, á denuncia secreta e cruenta dos assassinos, tornados senhores de nossa vida á sombra da vára ensanguentada dos corregedores, arrancavam parte da sua alma, iam dar-se, lá fóra, em terras apartadas e inhospitas, aos mais duros rigores em que póde tornar-se á existencia?

Quantos viram coroada de bons fructos effa grandiofa arvore, que um ideal largo, generoso, jacobino, veio implantar aqui? Muitos acabaram defamparados, no abandono, na ingratição, e na miseria. Os que nada haviam padecido foram os que melhor proveito foubaram tirar da heroica e fubita transfformação de uma sociedade decrepita; deixando aos que mais farto quinhão de magnos e defalentos haviam colhido, o tardio e pallido conforto de haver lido por um nobiliffimo ideal.

Depois... veio *isto*;—*isto* que para ahi alaftra e estadeia entre umas pompas rotas e delluzidas e umas hypocrizias mal disfarçadas que a ninguém enganam e illudem já

Foi para *isto* que os homens de 1828 conspiraram, padeceram, fugiram ao aviltamento da força, á ignominia do carrasco, á alçada, ás devaffas largamente abertas pela furia de todos os miseraveis, e embeberam em lagrimas—que vinham da alma!—o duro e negro pão do exilio? Foi para *isto* que os mosteiros para sempre se fecharam, e a cuja estancia, no accafo de uma vida mal ferida e defenganada, fôra doce esconder-se aquelle que não achou nos homens e na sociedade do feu tempo senão ingratição, venalidades, duriffimas torpezas?

Foi para isto?

Ah! certo que não foi, não. Que se poffivel foffe haver imaginado tal herança, certo que a voffa gloria de martyres foaria hoje na historia como uma enormiffima vergonha.

Mas não:—a voffa obra foi de fortes, foi;—mas effes fortes passaram rapidos, como os mortos da formosa ballada de Burger. Restam as reliquias.

Porto, 18 de maio de 1884.

JOSÉ CALDAS

HOMENAGEM AO MERITO

Nos bellos tempos da Grecia e de Roma premiavam-se acções heroicas com uma simples corôa de louros. O fer coroado no Capitolio era a grande recompensa nacional, a suprema aspiração dos heroes da antiga Roma.

Povos e tempos eram effes em que o civismo, o amor da gloria e da effima publica formavam por affim difer, o fundo do caracter nacional. Hoje os tempos fão outros é certo: novas phases da civilização trouxeram outros costumes; impera o positivismo; e o mais comum é estimar-se pelo feu peso o valor das recompensas.

Ha excepções, felismente; impossivel mesmo fora não as haver, porque a natureza humana não mudou. Ainda existem virtudes civicas, patriotismo e grandes dedicações. Verdade é que, não raro, se desconsideram os mais benemeritos, se não é que são vilipendiados e espesinhados pelas paixões odientas ou pelo egoismo dos apóstolos da maledicencia e da calumnia: mas por isso mesmo é dever de todos os, que prezam o merecimento e a virtude, honrar e distinguir, cada um como lhe seja possivel, os homens de uma vida immaculada, ou toda devotada ao serviço da sua patria. Estes taes comprehendem bem que o valor real das recompensas está em merecel as; satisfeitos com o testemunho da propria consciencia, não ambicionam outra recompensa: mas não pode deixar de lhes ser agradável a estima dos seus concidadãos; e a estes corre o dever de não lh'a recusarem.

Foi debaixo de uma impressão d'estas que lançamos mão da penna para commemorar alguns factos da vida publica do nosso patricio e amigo o sr. Manuel José Mendes Leite, e offerta-lhe este pequeno preito da nossa homenagem no dia em que este nosso conterraneo, velho soldado da liberdade, completa 75 annos da sua idade.

Quando em 1826 o sol da liberdade allumiu este paiz, surgiu n'esta cidade uma pleiade de mancebos entusiastas da ideia nova que a abraçaram com todo o ardor da mocidade. Escusado é dizer que entre elles se contavam e se distinguiam José Estevão Coelho de Magalhães e Manuel José Mendes Leite, que então frequentavam os estudos de direito da Universidade de Coimbra.

Estes dois homens conheciam-se e estimavam-se; tornaram-se inseparaveis um do outro; e pode dizer-se que symbolisavam a fabula de Castor e Pollux.

Sobrevindo em 1828, o grande eclipse do sol da liberdade, ambos elles acompanharam a causa que tinham abraçado. comendo ambos o negro pão do exilio, e soffrendo trabalhos e privações de toda a casta.

Os seus serviços durante as campanhas da liberdade não entram no assumpto d'este escripto nem cabiam nas dimensões d'elle. Terminada a guerra em 1834, José Estevão e Mendes Leite voltaram a concluir os seus estudos na Universidade; devendo dizer-se, em abono d'ambos, que nem um só dos muitos agravos de que podiam queixar-se, procuraram vingar-se.

Entrando na vida publica, José Estevão, como deputado, deu principio á brilhante carreira que lhe abriu as portas da immortalidade. Manuel José Mendes Leite, orador menos brilhante que José Estevão, distinguio-se todavia sempre pelo seu caracter honesto pela rectidão das suas intenções, probidade austera, e sentimentos humanitarios. A sua vida é espelho de tudo isto e de muito mais.

Depois da revolução de setembro de 1836, foi por alguns annos secretario geral do governo civil d'este Districto, cargo que serviu com muita honra, a contento dos seus superiores e do Districto, sem dar occasião a uma só queixa.

Como Deputado o seu voto foi sempre esclarecido e consoante com os principios que seguia. Era tido por independente e teve a gloria de ser o auctor da proposta, para se consignar no Acto Additional á Carta de 5 de julho de 1852, a abolição da pena de morte em crimes politicos.

Afficiado com José Estevão e Antonio Rodrigues Sampaio, fundaram todos tres o jornal—*a Revolução de Setembro*—em que todos tres collaboraram por muito tempo.

Como governador civil, Mendes Leite cumpre os seus deveres de auctoridade benefica e protectora como poucos, e apesar da sua avançada idade, comparece pessoalmente aonde é preciso, e não lhe falta a energia na occasião.

Querido e respeitado de todos, Mendes Leite a muitos tem vallido e dado a mão para alcançarem posição ou emprego de que tirem subsistencia para si e suas familias.

Generoso por indole e obsequiador, tem até soffrido deffalques na sua fortuna por ser facil em prestar a garantia de seu credito a quem precisa d'elle.

Accessivel a todos que o procuram, e despresando as censuras immerecidas, o seu procedimento é sempre o mesmo para com todos.

Reliquia veneranda d'essa pleiade dos filhos d'Aveiro, que se sacrificaram pela causa da liberdade, o seu nome é conhecido e respeitado, póde dizer-se, que em todo o paiz.

Ao completar, no dia d'hoje, 75 annos da sua idade, não poderá deixar de lhe ser agradavel, por uma parte, o contemplar a sua já longa vida sem mancha e carregada de terviços ao seu paiz; e, por outra parte, o ver-se rodeado e respeitado pelos seus amigos e conterraneos; os quaes lhe offerecem respeitofamente no dia do seu anniversario natalicio, esta singela commemoração como preito e homenagem aos seus merecimentos e a expressão dos votos que fazem ao Céo para que Deus conserve ainda por muitos annos a sua preciosa vida para felicidade da terra que lhe foi berço e que tanto se honra de o possuir.

Aveiro 18 de maio de 1884.

A MANUEL JOSÉ MENDES LEITE

Amizade. E' o casamento da alma: é um contracto tacito entre duas pessoas sensíveis e virtuosas. Os maus têm cúmplices; os voluptuosos companheiros de prazer; os politicos, sectarios; os Principes aduladores. Só os homens virtuosos têm amigos. (VOLTAIRE)

A amizade não se exige, não se impõe: conquista-se merecendo-a.

Aveiro 18 de maio de 1884.

JOSÉ PEREIRA DE CARVALHO E SILVA.

Saudo, com todo o coração, o velho soldado das campanhas da liberdade, o Ex.^{mo} Sr. Manuel José Mendes Leite.

Lisboa de 18 maio de 1884.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

Eu tenho o mais levantado e profundo respeito por essa pleiade brilhante de heroes, que arriscaram com a vida a fortuna e a tranquillidade do lar domestico, fômente com a ideia de implantar na patria o grandioso e uberrimo principio da liberdade. Nem é de admirar que esse sentimento me anime, antes, pelo contrario, de estranhar seria que elle me houvesse abandonado. Filho de um soldado que entrou na vida publica para emigrar quasi seguidamente para o estrangeiro rodeado de irmãos, que todos combateram sem treguas o despotismo aonde quer que o divisavam; sobrinho de um soldado mortalmente ferido na Villa da Praia da Victoria e tambem de um dos martyres que na fôrça da Praça Nova expiaram com a vida o grandioso crime de amarem a liberdade; como se não bastassem todas estas tradições de familia para me arreigarem no peito a admiração pelos homens que, fô animados de grandes virtudes civicas, poderiam realisar tamanhos heroísmos, tive ainda a ampararem-me na pia baptisimal, a acompanharem-me na entrada para o catholicismo, dois outros soldados da grande epopeia liberal. Um, o genio da palavra, não quiz desditosamente a Providencia, ha já annos, que continuasse a honrar com o seu verbo ardente e magnetico a tribuna parlamentar,

que não mais ninguém pôde exalçar como elle. O outro ainda felizmente está vivo, e o seu anniversario dá-me a occasião bem azada de aqui deixar consignada a ideia de que para mim o nome de Manuel José Mendes Leite significa o mesmo que toldado brioso, patriota ardente e amigo leal. Por isso, entre os heroes de hontem a quem nós os homens de hoje devemos os mais assignalados serviços, eu ponho sempre em um dos logares preferentes do meu coração esse vulto sympathico e cavalheiroso que, ao lado de José Estevão, me acompanhou no acto religioso que representa a entrada official na vida.

Lisboa 18 de maio de 1884.

JOSÉ ESTEVÃO DE MORAES SARMENTO.

Tinha capitulado a Junta do Porto, depondo as armas aos pés da colligação da França, da Hespanha e da Inglaterra, e a rainha obrigava-se a prescindir do concurso de Costa Cabral, um dos vultos mais eminentes da nossa historia contemporanea. Pouco tempo depois Costa Cabral era chamado aos conselhos da coroa, promulgava a denominada *lei das rolhas*, que restringia a liberdade da imprensa, e expulsava do paço o Marechal Saldanha, proporcionando-lhe ensejo de iniciar o movimento, a que o Porto se afficiou, obrigando por sua vez a realza a capitular. Gramido acabara de encontrar a desforra, e a obra da quadrupla alliança esboroava-se ao impulso das reformas politicas, que já n'essa epoca preocupavam e convulsionavam o paiz.

O Marechal vio ao principio malograrem-se quasi todas as suas combinações, e teve de tomar o caminho do exilio assim de escapar á sanha do governo. Foi então que o partido progressista, que não fora esmagado pelos desastres da guerra civil deliberou apoiar a manifestação armada do fugitivo de Lobios, a que se deu depois o nome de — *regeneração*. Sem o auxilio d'esta agrupação politica o duque de Saldanha continuaria a sua peregrinação pela Europa, até que a patria desopressa das leis de excepção lhe abrisse de novo os braços em nome da liberdade, que não é apannagio exclusivo de nenhum partido.

A situação incluiu no seu programma a reforma da carta, e a camara dos deputados eleita em novembro de 1851 foi expressamente encarregada da revisão do pacto fundamental da monar-

chia. Mendes Leite obteve n'essa conjunctura o diploma do collegio eleitoral d'Aveiro para advogar em cortes os seus legítimos interesses. E na sessão de 10 de março de 1852, ao discutir-se e votar-se o *Acto adicional*, usou da palavra para justificar a seguinte notavel proposta:

«E' abolida a pena de morte nos crimes politicos.»

A França de 1848 tinha consignado na sua constituição democratica o principio, que punha a coberto das iras do poder pessoal a opinião dos individuos, ou as affirmações partidarias, expungindo da sua legislação aquella penalidade, e purificando a atmosphera viciada ainda dos miasmas pestilentos da intolerancia, quer ella descesse do throno, como no tempo de Luiz XI, quer subisse do cachão demagogico chamado terror. Lamartine, o grande tribuno, cuja eloquencia logrou moderar a republica vencedora nas barricadas, introduziu no código politico do seu paiz aquella disposição eminentemente civilisadora, que arrancava á tyrannia uma prerogativa, que tinha por vezes enfianguentado a purpura, cobrindo a realza ou povo de manchas indeleveis.

Quatro annos depois um homem que pertencera sempre ao partido liberal avançado, que por vezes tivera o seu nome inscripto nas taboas da proscripção, erguia a voz na assembleia nacional para propor e sustentar a abolição da pena de morte nos crimes politicos. O additamento ás reformas delineadas pelo governo do marechal, impugnado por uns e defendido por outros, foi aprovado por grande maioria.

Este episodio da nossa historia parlamentar recorda de certo a Mendes Leite uma das épocas mais brilhantes da sua carreira politica. Nem a quadra florida da sua mocidade, quando a nuvem das revoluções não lhe obfcurecia ainda os horifontes da existencia, nem as agruras do exilio, nem as vicissitudes dos combates, nem as palmas do triumpho alcançado pejas ideias que professava, imprimiram na sua alma, ou gravaram na sua memoria, impressões mais gratas e imperecedouras, que a- que,ahi lhe deixou, a phrase singela, que poz em relevo o principio de tolerancia para todas as opiniões, desdobrando sobre os reinados a signa da liberdade inteiramente desaffronada dos preconceitos partidarios. Padrão commemorativo de uma conquista, que exprime o nosso adiantamento moral e intellectual, e tambem braço de honra para o seu propugnador e uma das glorias dos tempos em que vivemos, a despeitado egoismo que torna o espirito refractario aos grandes enthusiasmos.

Aveiro 18 de maio de 1884

J. E. D'ALMEIDA VILHENA.

Que differença entre 1828 e 1884—!

Na primeira d'estas épochas fer liberal era um heroísmo—na segunda a liberdade é já uma convicção vulgaríssima, corrente, respira-se no ar, vive e palpita nos sentimentos, e nos habitos de toda a sociedade contemporanea.

A causa dos governos livres triumphou contra a Santa-Alliança pela revolução de 1830 em Pariz, e com a feliz expedição de D. Pedro IV em 1832, antecedida e provocada pelo movimento de 1828, o qual fahiu de um gremio de liberaes afficiados em Aveiro (Soriano).

A Europa tem sempre os olhos postos no Cerco do Porto—e a victória de D. Pedro n'um paiz do extremo occidente, e contra todas as reacções, foi como a sancção da liberdade.

Aquelles, que então se pronunciaram por ella, e a defenderam com risco da vida, da sua fortuna, e das suas posições, e algumas d'estas eram eminentes, merecem de nós, das gerações actuaes, um respeito singular, um alto conceito, um enorme reconhecimento.

O Sr. Mendes Leite, combateu nas linhas do Porto, era moço, e arriscou a vida, a mocidade e todas as suas esperanças. Penetremo-nos d'aquelle respeito e gratidão, que se lhe devem e festejemos o velho liberal, nos seus 75 annos.

Aveiro 18 de maio de 1884.

LOURENÇO D'ALMEIDA E MEDEIROS.

MENDES LEITE

Entrei na imprensa diaria pela *Revolução de Setembro*, o velho e glorioso baluarte aonde fizeram a guarda da liberdade e da regeneração social d'esta terra quasi todos os homens das duas ultimas gerações militantes da politica portugueza.

A minha faudação a Mendes Leite leva em si a recordação deliciosa e pungente, como é sempre a faudação da minha iniciação de jornalista.

E' a continencia respeitosa e affectiva do soldado obscuro ao velho commandante da praça aonde primeiro velou as armas da ideia e da palavra politica. Já o não encontrei alli, mas a lição do seu nome e do seu caracter, recebia-a muitas vezes de Antonio Rodrigues Sampaio, e guardo-a no recatado culto das poucas que me restam de estimulante e consoladora verdade.

Sampaio e Mendes Leite!

Como ficam bem estes nomes, um juncto do outro, este con-

fundido n'aquelle, na mesma faudação e na mesma homenagem!

Mendes Leite foi o mais feliz dos dois. Pôde um dia retirar-se tranquillamente à obscuridade amovavel d'um viver de ifolamento e de paz, levando ainda no coração generoso os bellos enthusiasmos e as crenças heroicas da sua mocidade de batalhador.

Como o veterano das guerras de Flandres ou como o regio folitario de S. Justo, tocou a recolher a tempo e por isso seguiu a maior victória, na phrase de Vieira.

Ah! que é quasi abrir a porta ao crime, sentir a gente no meio d'este pelear desconfolado e triste que hora a hora nos leva uma illusão ou nos trucidada uma crença,—aquelle silencio modesto que Mendes Leite foute fazer tão cedo em volta do seu nome honrado, furtando-se não ás asperezas e aos facrificios do campo da batalha, mas dos lodos e pestilencias do foalheiro ignobil em que effe bello campo se converteu, tão prestes acabada a lucta dos heroes.

O rus, quando ego te auspiciam!...

Bom e amigo silencio que os filvos da inveja não interrompem, e que tantos affectos e respeitos leaes acalentam e guardam!

.....
Lisboa 18 de maio de 1884.

LUCIANO CORDEIRO.

Sr. Marques Gomes

Corresponder ao seu pedido é para mim apenas o cumprimento de uma obrigação.

Em condições muito especiaes de amifade e estima para com o nome de Mendes Leite— amigo de infancia de meu pae, seu camarada nas luctas de 34, seu correligionario no movimento setembrista; seu companheiro d'exilio—eu não procurarei memorar aqui nenhum dos factos da sua vida publica, que nos impõe o respeito da sua individualidade.

A minha faudação aos seus 75 annos ferá perfeitamente pessoal e intima, e n'ella dou expansão a sentimentos tão sinceros, como devam fer os que se prendam á memoria mais querida e venerada do meu coração.

Que estas linhas signifiquem a Mendes Leite o preito da minha estima.

Agradecendo a V. a distincção do seu convite, fou sinceramente venerador

Porto, 18 de maio de 1884.

LUIZ DE MAGALHÃES.

Ao mais antigo e mais emerito dos que n'esta terra combateram pela liberdade, ao vulto politico que em 1844, quando se iniciou a minha vida politica me foi exemplo e guia, armando-me como elle contra o despotismo que então avassallava o paiz, combatendo com elle pelos principios liberaes—eu faúdo e abraço n'este dia para mim de jubilo inexcedivel. E é-o assim porque já raras se contam estas reliquias venerandas das nossas passadas luctas, com o sentimento para mim de que vejo aproximar-me na idade apenas, que não nos meritos, d'esse grupo de heroes que vão passando e que eu tão profundamente venéro.

Que Deus lhe prolongue a vida como S. Ex.^a propriamente deseje, é o que instantemente peço a QUEM tudo póde. E é tão sincero, tão leal, tão affectuoso este meu anelo, como foi sempre muito particular—apesar das nossas divergencias d'ocasião—a consideração que lhe tributo.

Temos sido, pois, divergentes, Governador. Mas o que essas divergencias nunca poderam conseguir, foi arrancar-me do coração o prazer intimo de ser justo com o seu caracter, que, quando livre e desaffrontado da disciplina partidaria, é notavelmente puro e exemplarmente integro.

N'esta occasião solemne para ambos, eu não podia faltar-lhe, Governador—porque nunca falta ao seu dever de consciencia e de coração o homem que é sempre o primeiro a descobrir-se em preferença dos annos, do merito e da virtude.

Abraça-o, pois, e extremosamente, no dia do seu septuagesimo quinto anniversario, o seu velho e sempre desinteressado companheiro e amigo

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA.

Aveiro 18 de maio de 1884.

Meu caro Marques Gomes.

Convida-me para collaborar no opusculo consagrado a Manuel José Mendes Leite, e que lhe ha de ser offerecido no seu anniversario. A sua historia gloriosa será certamente contada por escriptores tão illustres que eu nem mesmo tentarei repetir o que outros terão dito de forma que melhor se não possa dizer. Mas se a desconfiança dos meus recursos me impede de fallar dos factos notaveis da sua vida, obriga-me o coração a vir aqui significar o meu grande respeito e sincera consideração pelos seus servicos á causa da liberdade, pelo seu patriotismo, pela sua intelligencia tão

culta e elevada, pelo seu carácter bondoso e nobre, por todas as suas virtudes, emfim, que tornarão o seu nome querido para todo o bom portuguez.

Agradeço penhorado o seu convite, pois pefar-me-hia que este enfejo passasse sem deixar d'aqui este meu protesto que outro valor não tem que não seja o que a sinceridade lhe pode dar.

Aveiro 18 de maio de 1884.

MANUEL FERNANDES THOMAZ.

Mendes Leite é, como foi o seu grande amigo José Estevão, fanatico pela sua terra.

E Aveiro tem por elle verdadeira veneração; considera-o uma reliquia preciosa, quasi uma especie de palladio a que se prendem os destinos da Cidade.

Quantas vezes ao vel-o passar nas ruas d'Aveiro embuçado no seu chaile historico, que trouxe da emigração, surprehendi nas faudações do povo phrases que traduziam este sentimento?

E' que a figura nobre e levantada de Mendes Leite apparece envolvida no prestígio de um passado glorioso todo cheio de dedicações.

Quando Portugal, obedecendo á corrente de regeneração que actuou em quasi todos os paizes de Europa, precisou incarnar as suas aspirações da liberdade politica, surdiu na tempestade das luctas civis um grupo de homens fortes, que foram os grandes obreiros do periodo de transformação. Entre esses distinguui-se Mendes Leite pela abnegação e pela coragem espartana.

Que o valente e intemerato lidador de ouiros tempos, hoje curvado sob o peso de tres quartos de seculo, mas ainda formoso, como a figura de um bronze antigo, possa aquecer a sua velhice muitos annos nas irradiações vivificantes de dois seres encantadores—as suas netinhas Luiza e Laura.

Aveiro 18 de maio de 1884.

MANUEL MASSA.

Sr. Marques Gomes

Recebi a sua circular de 29 de abril e a prova de que me affocio á manifestação preparada por V. em honra de Mendes Leite, é esta carta da qual V. poderá fazer o uso que julgar mais conveniente.

Não tenho o prazer de conhecer pessoalmente o sr. Mendes Leite, mas venero n'elle essa pleiade de homens intemeratos e entusiastas á frente da qual estão Manuel Passos e José Estevam.

O antigo fetembrista, *patuleia*, *pé fresco*, é um typo que merece a minha mais decidida sympathia e veneração. No coração d'esses homens pulsavam enthusiasmos generosos, e embora não me seja licito partilhar muitas das suas illusões passadas, creio porem que havia n'elles a semente de abnegação, de coragem, de nobreza d'alma, sem a qual nada se consegue n'este mundo, creio ainda que as suas aspirações democraticas eram no fundo justas, embora a ideia que tinham da democracia o não fosse.

E sobre tudo quando comparo os tempos de hontem com os de hoje, parece-me encontrar no fetembrismo o ultimo arranco de vida de um povo miseravelmente agonizante. Desde que o seu dia passou não houve mais fé, nem outro enthusiasmo na alma nacional. Por isso ella, amesquinhada, se finou para deixar ovante a chateza miseravel em que nos vemos atacados.

Creia-me

De V.

muito attento venerador e obrigado

OLIVEIRA MARTINS.

TRAÇOS

A vida das nações é á semelhança da vida dos individuos: tem horas de paz e horas de lucta, d'alegria e de tristeza, de gloria e de abatimento. Atravez d'essas vicissitudes que não são meramente arbitrarías, mas a sequencia logica das leis da evolução, é que se escreve a biographia dos povos e se assignala a individualidade dos cidadãos.

Os estados modernos não podem considerar-se de todo desligados dos antigos: prendem-se a elles por parentesco mais ou menos proximo. A parte as novas conquistas do espirito humano de que se ufanam e a nova fórma de civilização que revestem, tem tambem, assim como os que se affundaram já no cemiterio do passado, defeitos e bellezas, erros e acertos, cores brilhantes e

traços escuros. Sob este respeito, Portugal não é uma excepção, não occupa um logar secundario, mas um dos primeiros. A sua historia o diz.

As nossas luctas civis foram uma crise violenta, lastimosa e deploravel. Correu o generoso sangue portuguez ás mãos de portuguezes. E' esta uma das paginas mais escuras da nossa existencia como nação livre. Não se pode recordar esse quadro triste da nossa historia, senão para lastimar os que succumbiram e para honrar os que então por mais magnanimos avultaram. D'estes poucos restam já; tem ido uns ápoz outros para o silencio da sepultura e para a justiça da Historia. Manuel José Mendes Leite, a quem um seu patricio e admirador, tão amante do estudo como das glorias nacionaes, fagra o septuagesimo quinto annivertario com esta homenagem, é um d'esses que sahio da lucta como soldado, para propôr a abolição da pena de morte como homem de brios e levantados sentimentos. Passou da refrega illeso, e a politica respeitou-o, não soube corrompel-o. Está n'uma idade provecta: mas as tradições do seu passado, o seu brado humanitario contra a pena capital cujo ecco se escuta ainda, o seu caracter generoso e conciliador, grangearam-lhe merecidas sympathias até mesmo no campo dos adversarios. A geração presente abre-se em alas para saudar o soldado da Serra do Pilar, o companheiro e amigo de Joté Estevão. Esta homenagem é o titulo d'uma justa benemerencia.

Aveiro 18 de maio de 1884.

RODRIGUES VIEIRA.

Meu caro Marques Gomes.

Applaudo a sua ideia e porque, segundo li em varios jornaes se quiz, ainda ha pouco infligir ao Governador Civil a carta tragica de Artyanax, acho a proposito a sua realisacão.

Mendes Leite, é, sem duvida, uma energia bastante gasta; mas é um velho que honra a sua patria; que enobreceu o seu nome. Se o tempo, se os trabalhos, se as dores cruciantes, soffridas na emigração e nas prisões politicas lhe quebrantaram mais cedo, o antigo vigor; nem, por isso, Aveiro deve deixar de ver n'elle uma individualidade distincta—uma nobre e carissima reliquia que, embora na tarde da vida, se nos apresenta ainda com a mesma sinceridade civica de outrora, com a mesma lealdade generosa e cavalheiresca, como se a injustiça de uns e a ingratição

de outros o tenham desviado da linha recta que a si proprio, traçou.

A lucta contra o abtolutismo foi tenaz, profiada: e a má, a calamitosa direcção, que uma dictadura de doidos representantes d'aquelle principio lhe imprimiu, tornou inevitavel a extincção de um dos partidos. Então, Mendes Leite teve, como os restantes emigrados, de sujeitar-se a toda a ordem de privações e não foram poucos os actos de heroismo que praticou; nem o intibiava o sangue, nem o amedrontavam os patibulos: e as perseguições, as crueldades e a ausencia completa de garantias fizeram-lhe perder o amor ao repouso e á vida.

Evora Monte não pozera termo á anarchia politica, sangui-naria, nem mesmo á economica; começou a pena de Talião. Essa época da nossa historia constitucional contem paginas extremamente escropholosas.

Mendes Leite, porém, impolluto, magnamino, honrado e sinceramente liberal, não se embriagou com a victória; não procurou tirar vinganças e nem assistir á grande *Kermesse* estabelecida por A. José Freire e Silva Carvalho, em que se faciaram a fome, os appetites e até a voracidade de muitos que á ultima hora, se haviam bandeado para o partido liberal.

Mas, tambem, Mendes Leite foi dos poucos que pode em pleno parlamento e em 1863, affirmar de cabeça levantada e com os applausos da camara, que, «bem ou mal fervira o seu paiz com dignidade, achando-se sufficientemente pago com duas imaginações e com o Limoeiro e Torre de S. Julião, e deixando para os liberaes de accaço recompensas de outra ordem, que não sollicitara, nem jámais acceitaria».

E' que Mendes Leite não foi um especulador politico; era um verdadeiro crente.

Não hesito, pois, meu amigo em o acompanhar, do mais fundo da minha alma, na manifestação e faudação ao valente batalhador, ao heroe desinteressado da grande epopeia da nossa liberdade.

ROCHA CALISTO.

MENDES LEITE

Quando ás vezes vemos este homem em Lisboa, sob as arcadas do Terreiro do Paço, lembramo-nos do grande *Sampaio* da *Revolução*.

Em o nosso espirito andam sempre afficiados estes dois nomes. Sampaio e Mendes Leite, assim como commungavam no mesmo credo liberal —mas da liberdade effectiva— pareciam-se no todo physico e nas impressões que elle communica: vulto de athletas,

e aquella organização forte que os homens da sua tempera parecem possuir de propósito para resistirem o tanto que chegue para verem em realidade a sua propaganda.

Como Sampaio tinha, Mendes Leite tem aquella fadiga que se arrasta, e que não é somente producto do peso dos annos e dos estragos da doença: que é um effeito da lucta do espirito, do batalhar das ideias, do enthusiasmo das convicções energicas, da febre dos espiritos sinceros que se dedicam, em que ardem as organizações sentimentaes, que bem querem aos ideaes de liberdade como se estremecem as mulheres que se adoram.

Por isso, superior a todos os seus titulos de soldado, de jornalista, de parlamentar, Mendes Leite possui um que a todos fobreleva:

—Sempre que o vemos, faz-nos lembrar o grande *Sampaio* da «Revolução»!

SERGIO DE CASTRO.

Mil perdões pela ousadia de inscrever o meu nome obscuro, ao lado do de tantos homens iminentes nas letras e na sciencia; tratando-se porém de laudar um amigo, não podia emundecer, nem ficar indifferente a esta manifestação de sympathia, pelo homem a quem tanto devem patria e sociedade.

SILVA LEITÃO (ARTHUR ERNESTO)

Meu caro Mendes Leite.

Trago tambem o meu foguete para a girandola dos que vão estalar n'esta romaria a que venho alegre e devoto.

Se como o mais humilde dos festeiros vou atraz na procissão, tinha lugar na frente se fossem a liante os seus maiores amigos. Como tal, e só assim, podia encontrar o meu nome obscuro entre os tão illustres do grupo sympathico e distinctissimo dos que o cumprimentam hoje.

Confinta que o affigne e lhe fique n'esta pagina com o protesto da affectuosa estima e muitissima consideração que consagro a V. Ex.^a

Aveiro 18 de maio de 1884.

SILVERIO AUGUSTO PEREIRA DA SILVA.

Sr. Marques Gomes

Respondendo á sua carta circular, que na data de 29 d'abril ultimo me dirigiu, cumpre-me dizer-lhe que felicitar verdadeiros amigos no dia dos seus annos é sempre um justo motivo de plena satisfação, tanto para o felicitado, como para o felicitante, e sobre tudo quando isto se dá no fim de quasi sessenta annos de relações intimas, como aquellas que existem entre o escriptor d'estas linhas, e o seu bom e prezado amigo, o sr. Manuel José Mendes Leite.

Acceite pois este meu bom amigo, ao contar os seus 75 annos de idade um apertado abraço de parabens da parte de quem é igualmente seu velho e antigo amigo, tendo tambem sido seu companheiro de trabalhos, Simão José da Luz Soriano, abraço allias acompanhado das fagueiras pulsações de um coração de faudofo amigo, que elle captivou pelas suas maneiras de perfeito cavalheiro, coração que realmente lhe tem sido sempre leal, e o será até ao fim da vida.

Recordações faudozas dos nossos tempos da Universidade de Coimbra vão de em volta com estas expressões de amigo, principiadas como foram semelhantes recordações nos annos de 1826 e 1828 em que ambos frequentavamos os estudos superiores d'aquelle estabelecimento litterario. tempos em que os enthusiasmos politicos e patrioticos em favor de um governo liberal nos dominavam com a mais irresistivel força. Dourados sonhos de um afortunado provir auguravamos então para a nossa patria com o estabelecimento de semilhante governo. Esta crença nos abratava por aquelle tempo a mente, embalada nas mais doces e desinteressadas vistas, estranhas como eram ás ambições inherentes ao coração humano. Se nos enganamos em semilhante crença. a opinião publica que o diga, pois corações de mancebos, como então eramos, tem por si a desculpa da idade, e o merecido perdão de boa fé.

Seja porém como fôr, repito, que este abraço que de Lisboa envio para Aveiro ao meu bom e fiel amigo Manuel José Mendes Leite no seu septuagesimo quinto anniverfario não é só a expressão da nossa longa e interrupta amizade; mas é igualmente filho do pleno conhecimento que tenho das suas raras e cavalheirofas prendas, da sua qualidade de bom e fiel amigo, e da sua reconhecida honradez, a par de uma fervorosa dedicação á causa liberal, que defendeu com armas na mão, causa pela qual soffreu os agros e pungentes diffabores de um longo exilio de cinco annos continuos.

Receba pois o meu bom amigo Mendes Leite esta lembrança

ça de quem muito do coração o estima, e de quem por gostoso dever lh'a dedica, acompanhada pela de outros seus amigos, no seu dito anniverfario, fendo como é este

Seu do coração verdadeiro amigo

SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO.

Lisboa 18 de maio de 1884.

Meu caro Manuel.

Desejam alguns amigos felicitar-te no teu anniverfario, e eu venho com elles apertar-te n'um prolongado abraço, dando igualmente parabens á minha fortuna, que me consentiu de quarenta annos, quasi sempre passados longe da tua intimidade, renovar-te os protestos do cordeal affecto, com que nos temos querido e amado.

Estou velho, Manoel, mais quebrado ainda na alma do que no corpo. Já o mundo na declinação da existencia, não é aquelle paraizo de doiradas illusões que sonhamos na mocidade; a phantazia, rouxinol que nos cantava dentro, perdeu as azas e os alegres hymnos;—tudo se vae escurecendo em nós, até á hora da treva absoluta, em que a terra, compassiva mãe, nos chama a descansar no seu carinhoso seio.

Este é o destino commum, irrevogavel.

Tu, porém, Manuel, proximo do pincaro onde os gelos não consentem fombra sequer de vida, promettes subir ao cume, com o mesmo vigor da tua perenne juventude, com aquella robustez e alegria de espirito, que te fizera n atraveffar incolume as maiores advertidades.

Conheci-te pessoalmente, quando pela segunda vez o destino te lançou para longe das fronteiras da patria, curtindo as horas amargas do exilio n'aquella ruidosa solidão de Pariz, onde os perseguidos de todas as oppressões acharam sempre refugio, acolhimento e abrigo. Acompanhavas, como fizeras durante a primeira emigração, e por toda a guerra civil, e em toda a sua vida. o grande cidadão, que tão famosas tradições e tão immortal memoria deixou na tribuna portugueza, como é a gloria da nobre terra que a ti e a elle viu nascer.

Está por instantes a findar essa resoluta raça de gigantes, que, ao modo dos da Biblia, vieram do conforcio dos anjos com os

filhos dos homens; quero dizer, dos amores da liberdade com a patria. Poucos restam já d'aquelles que a epopêa nacional aponta nos seus cantos gloriosos. A maior parte dorme o somno perpetuo na tranquillidade do sepulchro, certos de que não foi em vão que batalharam e padeceram pela redempção da patria.

Tu, de pé, como o roble centenario das florestas, podes attestar, que detbravado por elles e por ti o sólo em que havia de florescer a arvore da liberdade, á sombra d'ella gozam seus filhos todos os beneficios da civilisação moderna.

Foram crueis e duros os primeiros tempos, em que a planta começou a tomar raizes.

Para os espiritos meticolosos, e eram todos os que derramaram o fangue no campo das batalhas, qualquer ligeiro sopro parecia um vendaval deffeito, capaz de defarreigar e quebrar o tenro arbusto, que o poder dos maiores sacrificios haviam conseguido plantar.

N'uma d'essas crizes foi que tomando novamente as armas, tiveste de emigrar outra vez,—sendo-te adversa a fortuna, e propicia a minha, que me deu a conhecer um coração magnanimo, uma grande e nobre alma de valoroso patriota.

Agora estás adormecido n'esses sanctos ocios de Governador Civil, onde irá acordar-te a voz do velho amigo, que de longe te fauda no teu anniversario, e te enlaça o peito n'este dia jubiloso para todos os que te estimam e te amam, como eu, com fraternal affecto.

Litboa 18 de maio de 1884.

THOMAZ DE CARVALHO.

Quando os amigos dedicados e admiradores devotos do honrado cidadão Manuel José Mendes Leite, o liberal sem mancha, o amigo e companheiro de José Estevão, o salvador benemerito, ante cujo verbo generoso caíram os cada'állos em terras portuguezas, querem, no seu dia anniversario, antemostar-lhe as glorias, que rara vez ousam patentear-se aos vivos,—se não viesse apertar-lhe a nobre mão ficaria molestada a amizade e dorida a consciencia de

Litboa 18 de maio de 1884.

THOMAZ RIBEIRO.

Manuel José Mendes Leite não é, para mim, um d'estes homens a quem se aperta a mão indifferentemente n'uma sala, ou com quem se trocam algumas palavras banaes n'um camarote de theatro.

Conheço-o, e aprendi a estimar-o desde a infancia. Liguei sempre, por tal o seu nome ao nome de José Estevão, que ainda hoje não posso lembrar-me d'um, sem que o outro me não venha á memoria. E' que ambos elles representam nas luctas pela liberdade, tudo quanto ha de mais pundonoroso e de mais nobre. Fui seu hospede em Aveiro, em férias d'estudante da Universidade, convivi com elle nas redacções dos jornaes, nas salas, e no parlamento, onde fômos collegas, e então alistados nas mesmas fileiras.

Em mil oitocentos e cincoenta e seis, quando a pena de morte era lei entre nós, quando o homicidio legal erguia a sua sinistra e hedionda influencia n'esta terra terminava eu, em face d'um tribunal, e em defeza de um réo, pelo seguinte modo, a minha oração:

« Quanto a mim, resta-me a honra de ter pelejado com a
« força esta pejeja solemne e derradeira. Se eu ficar vencido, se
« triumphar o carraço, tanto peor para o seculo em que combati,
« e para a philosophia que invoquei.»

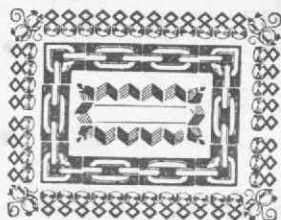
Manuel José Mendes Leite, foi o nobre deputado que propoz ao parlamento a abolição da pena de morte nos crimes politicos. Deu começo á evolução. Mais tarde foi arrancada á lei penal, para todos os crimea, essa pagina de sangue e de vergonha. Ao defabar do patibulo morreu o ultimo carraço portuguez.

Mendes Leite foi mais do que um soldado da liberdade — por este facto foi um defensor da justiça abtoluta, da consciencia humana, e da civilisação da nossa raça.

Alem das sympathias da infancia, da amisa de inalteravel do homem, e da estima mais profunda pela nobreza do seu caracter, prendem-me a Mendes Leite estas sacratissimas recordações do passado, e chego a crer que nos ligam tambem algumas luminosas visões do futuro.

Aveiro 8 de maio de 1884.

VISCONDE DE OUGUELLA.





18069

18 de maio de 1884

Carta ao Sr. Dr. A. Leite

A **MANUEL JOSÉ MENDES LEITE**

OS SEUS AMIGOS E ADMIRADORES

n.º 2826



002826

AVEIRENSE — AVEIRO



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

FUNDO
LOCAL

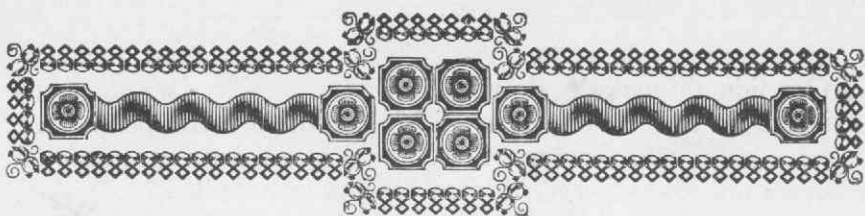
TIRAGEM 100 EXEMPLARES

bibRIA

N.º 35 — Pertence ao Ex.^{mo} Sr.

Joaquim Simões Franco

Marques Gomes



E P I T O M E

Manuel José Mendes Leite, nasceu em Aveiro a 18 de maio de 1809. Em outubro de 1824 matriculou-se em leis na Universidade de Coimbra.

Em dezembro de 1826 alistou-se no batalhão academico. Sob o commando do general Azere do, fez a campanha da Beira; apenas concluida voltou ás suas lides escollares. O galardão dos serviços prestados foi o ser reprovado no acto. Pela revolta de 16 de maio de 1828, reorganizado o batalhão academico, alistou-se de novo. Seguiu para o exilio entrando a 6 de julho na Galiza. Desembarcou em Falmouth a 7 de setembro. Por aviso de 28 de março de 1829, foi mandado riscar perpetuamente da Universidade. Em julho de 1832 regressou, dirigindo-se ao Porto poucos dias depois da acção de Ponte Ferreira. Alistou-se logo e pela terceira vez no batalhão academico com o n.º 160; foi incluído a pedido seu na companhia dos artilheiros do mesmo batalhão. Em setembro foi mandado a Inglaterra para conjunctamente com Neutel Correia de Mesquita, fazer uma aquisição importante de cavallos e arreios para o exercito. Cumprida a missão, voltou ao Porto a 23 de novembro, debaixo de uma immensa cerração de metralha, a bordo do brigue inglez *Adelaide*. Pela coragem que mostrou n'esta occasião foi condecorado com a ordem de Torre Espada, que não aceitou. Logo em seguida esteve de guarnição por sete mezes na Serra do Pilar. Tomou parte na expedição do Algarve. Ao chegar a Lisboa ahi adoeceu gravemente pelas fadigas da marcha pelo que não pôde assistir aos derradeiros triumphos do exercito liberal.

Em outubro de 1834 matriculou-se no 4.º anno juridico, visto ter sido dispensado do acto do 3.º anno, pelo decreto de 18 de março de 1833. Foi esta a unica e exclusiva recompensa que recebeu pelos seus serviços. Concluindo a formatra em junho de 1836, foi nomeado secretario geral do governo civil d'Aveiro por decreto de 16 de setembro d'esse anno. Em junho de 1838 pediu a sua exoneração. Em 1839 foi eleito presidente da Camara Municipal d'Aveiro e escolhido pela Guarda Nacional para seu comandante. Na eleição geral para deputados de 22 de março de 1840 foi eleito por Aveiro e tomou assento nos bancos da esquerda.

Fundou com José Estevão a *Revolução de Setembro*. Fomentou a longa serie de revoluções occorridas de 1840 a 1851. Mal succedido na revolta, que teve principio em Torres Novas e se estendeu depois ás provincias, emigrou para Hespanha, d'onde feguiu para Inglaterra e França.

A revolução popular de 1846 abriu-lhe as portas da patria e quando no Porto, em outubro, se organisou a resistencia ao *golpe d'estado* collocou-se ao lado da Junta a quem prestou serviços revelantissimos. Prisioneiro dos inglezes em 31 de maio de 1847 com a divisão do conde das Antas, esteve na Torre de S. Julião d'onde fahiu para continuar a conspirar contra o governo cabralista. Em 17 de junho de 1848 foi preso e esteve no Limoeiro até 4 de novembro como implicado na celebre conspiração das Hydras.

Eleito deputado por Aveiro em 1851, fez incluir no *Acto addiccional* um artigo, pelo qual foi abolida a pena de morte nos crimes politicos.

Nas eleições de 1852 foi de novo eleito por Aveiro e nas de 1856 pela Feira.

Por decreto de 14 de março de 1860 foi nomeado governador civil de Aveiro, cargo de que se exonerou em 15 de agosto do mesmo anno.

Nas eleições complementares de 1863, foi de novo eleito pelo circulo de Aveiro, então vago pela morte de José Estevão. Em 29 de setembro de 1871 foi nomeado governador civil de Aveiro, pela segunda vez. Em 28 d'abril de 1877 pediu a sua exoneração. Em 6 de fevereiro de 1878, foi outra vez nomeado, demittiu-se em julho de 1879 e por decreto de 30 de janeiro de 1881 foi novamente nomeado.

Foi agraciado em differentes epochas com diversas honras e condecorações, mas nenhuma accitou a não fer a medalha das campanhas da liberdade, unica que tem.

Aveiro 18 de maio de 1884.

MARQUES GOMES.